

O MODERNO JÁ PASSADO | O PASSADO NO MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitetura

ANAIS DO III SEMINÁRIO PROJETAR

porto alegre , 24 a 26 de outubro de 2007

Intervenção Habitacional no Centro Histórico de Salvador: Uma experiência teórico-pedagógica.

Susana Acosta Olmos

Graduada e doutora em arquitetura pelo PPG-AU da FAUFBA

Rosana de Freitas Boullosa

Graduada pela FAUFBA, mestre e doutora pela *Università IUAV di Venezia*

Daniel Sabóia de Almeida Barreto

Graduando pela Faculdade de Arquitetura de UFBA

Diego Mauro Muniz Ribeiro

Graduando pela Faculdade de Arquitetura da UFBA

Ícaro Vilaça Nunesmaia Cerqueira

Graduando pela Faculdade de Arquitetura da UFBA

Patrícia Cardoso de Almeida

Graduanda pela Faculdade de Arquitetura da UFBA

Endereço para contato: Rua Remanso, número 5. Rio Vermelho. Cep 41940-640

Telefone: (0xx71)33356669

Email: solmos@uol.com.br

Intervenção Habitacional no Centro Histórico de Salvador: Uma experiência teórico-pedagógica.

Resumo:

Esta é uma experiência didático-pedagógica desenvolvida na disciplina de Atelier II da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia que procurou explorar as possibilidades de projeto-ação sobre uma situação real. Tal experiência, portanto, constituiu-se, mais do que um laboratório de projeto, em um laboratório de ensino de projet-ação em arquitetura. A partir da conveniência de estabelecer contato entre o contexto acadêmico dos ateliês de projeto e a realidade exterior em sua complexidade, foi formada equipe de interessados, composta por dois docentes e quatro alunos de graduação.

O laboratório foi estruturado como uma zona de desenvolvimento proximal, como propôs Vigostzky onde um grupo de trabalho constituído por docentes e discentes, em iguais condições de ação, foi ativado em um processo de interação criativa para o desenvolvimento de um projeto de arquitetura em resposta a um contexto-problema real, proposto por um concurso de abrangência nacional: o Concurso Nacional de Idéias e Soluções para a Habitação Social no Brasil, promovido conjuntamente pela CAIXA e pelo IAB. Esta experiência sublinha a importância de “como” ensinar em detrimento de “o que” ensinar, reacendendo o debate sobre metodologia de ensino em arquitetura.

O conjunto de prédios selecionados para a Proposta de Intervenção situa-se ao final da Rua Silva Jardim, popularmente conhecida como Ladeira do Taboão. Esta ladeira nasce na parte mais baixa do triangular Largo do Pelourinho, nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e desemboca no bairro do Comercio, vencendo uma diferença de quota de 35 metros. Suas características morfológicas, topográficas, sociais, históricas e políticas foram sistematizadas em diferentes planos epistemológicos, transformando-os em ferramentas projetuais. A proposta resultante procura, então, responder a essa diversa e complexa gama de vínculos, dando o caráter real e desejado à experiência.

Abstract:

The present work reports an experience in the Faculty of Architecture of University of Bahia. The convenience of establishing contact between the project ateliers and the complex exterior reality gathered a group composed by two professors and four students.

The opportunity of participating in “Caixa’s Contest” offered the appropriate conditions, as it had an approach on dwelling proposals, intervening on deteriorated historic sites. Methodologically, the ideas of the project were developed parallel to the economic, social and cultural studies, having the theoretic data always as a decisive matter on the projectual options. The level of creativity and importance were considered relevant, reason why it is been sent to *Projetar* 2007.

The proposed theme made possible the debate of questions such as the type and quality of the interventions in historic sites. The resultant proposal doesn't forget the competitive advantages that the exogenous aspects can bring to the local development, but it chooses to bet on the installation of an endogenous impulse, that could emerge as a small, but effective, movement of transformation.

The set of five buildings is located at Ladeira do Taboão, a limit zone between the so called Historic Center of Salvador (High City) and the zone of Comércio (Low City). Taboão's slope is one of the few semi formal dwelling alternatives for the very low income population still living in the historic center.

The dwelling function with social interests was understood in an ample way, considering not only the notable presence of low income and very-low income population, but also the social and economic context in its singularities. The proposal, consequently re dimensions its public according to this social landscape, giving priority to this group, identified as social and economic vulnerable.

Palavras-chave: **aprendizagem em arquitetura, ensino, laboratório de projeto**

1. O Contexto

Esta é uma experiência didático-pedagógica desenvolvida na disciplina de Atelier II da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia que procurou explorar as possibilidades de projeto-ação sobre uma situação real. Tal experiência, portanto, constituiu-se, mais do que um laboratório de projeto, em um laboratório de ensino de projet-ação em arquitetura.

Projeto-ação, ou projeção, foi um conceito desenvolvido para embaraçar a ação de projetar à ação de reflexão, dentro de uma linha pedagógica deweyana. Este conceito guiou o trabalho, insistindo na nulidade da separação entre teoria e prática. Em outras palavras, buscou-se um processo de projeção reflexiva (Schon, 1967), na qual o fio condutor foi sempre a concretude de um situação real que necessita, antes de mais nada, ser compreendida e portanto requer interpretação, um outro conceito que permeou este trabalho.

Além disto, esta experiência teve como desafio latente a busca por novas fronteiras no ensino da arquitetura, discutindo os resultados de processo obtidos com tentativas paralelas de ensino convencional de projeto, normalmente construídos a partir de contextos-problemas também projetados. Malgrado a sua complexidade, tal desafio não é novidade no âmbito didático-pedagógico ligado à disciplina da arquitetura, como evidenciou Mahfuz:

As últimas décadas do século XX se caracterizaram pelo desaparecimento dos discursos hegemônicos (...) Se algo caracteriza o artista – incluindo o arquiteto – é a consciência de que seu trabalho sempre poderia ser diferente. O seu inimigo, e nosso por conseqüência, passa a ser a arbitrariedade. O que se espera do processo de aprendizado ao longo de um curso de arquitetura é que o conhecimento adquirido através da prática projetual, informada por atividades de teoria, história e crítica, possa contribuir para evitar a Arbitrariedade e resultar na Forma Pertinente.

Mais do que ensinar os estudantes a projetar de uma determinada maneira, o objetivo de uma escola de arquitetura deve ser preparar o espírito crítico do estudante(...)

Algumas experiências recentes sobre o ensino de projeto em arquitetura tem progressivamente sublinhado a importância do “como” ensinar em detrimento do “o que” ensinar, reacendendo o debate sobre metodologia de ensino em arquitetura (FAUFBA, 2001-2006). E foi justamente este debate a fundamentar a construção desta experiência como um laboratório de projeto-ação. Um laboratório pensado como uma zona de desenvolvimento proximal, como propôs Vigostzky onde grupo de trabalho constituído por docentes e discentes, em iguais condições de ação, foi ativado em um processo de interação criativa para o desenvolvimento de um projeto de arquitetura em resposta a um contexto-problema real, proposto por um concurso de abrangência nacional: o

Concurso Nacional de Idéias e Soluções para a Habitação Social no Brasil, promovido conjuntamente pela CAIXA e pelo IAB.

Nortearam o processo duas premissas basilares: necessidade de desenvolver modos autônomos de ler o mundo (criatividade no olhar), e entender a arquitetura como ofício, como maneira de intervir no mundo para torná-lo um lugar melhor, individual e socialmente (modos criativos de agir). Tais preocupações implicaram no uso inventivo da teoria e da história como, literalmente, matéria de projeção. Inspirando-se em Argan (2000), buscou-se aprender a fazer projeto, evitando-se a mera submissão a destinos inexoráveis. Adotando tal perspectiva, priorizou-se um caminho de fazer, ou uma ação, incisiva, crítica e criativa sobre a realidade ou contexto-problema, saberes imprescindíveis à formação de futuros arquitetos – profissionais competentes e cidadãos responsáveis.



Fig. 1 – Aquarela interpretativa da área de estudo-intervenção

2. Apresentando o Laboratório

2.1 Introdução

O Laboratório foi ativado nas instalações da Faculdade de Arquitetura, com uma carga horária que demandou inicialmente 20 horas, mas que foi progressivamente aumentada, por interesse dos próprios alunos, chegando às duas últimas semanas a uma quase dedicação exclusiva. Quatro alunos e dois professores participaram de todo o processo.

Metodologicamente, o Laboratório procurou funcionar como uma zona de desenvolvimento proximal, idéia proposta por Vigostzky em 1967, na qual atores com saberes diferentes se ativam em um processo de interação social produzindo novos saberes que são ao mesmo tempo tanto coletivizados pelo grupo quanto interiorizados pelos indivíduos componentes do grupo de acordo com os próprios saberes e capacidades. Segundo esta linha de pensamento, a criatividade é interpretada como um processo de interação social, ou simplesmente um processo social. Anterior a Vigotzky, pedagogos como Piaget e Dewey apontam a importância da relação entre saberes como promotor e propulsor de novos saberes. De fato, é Dewey, para quem o senso cívico e democrático do saber era fundamental, a ressaltar que o tempo, enquanto medida relacional é co-autor dos processos criativos, abrindo espaço para que outros autores (Crosta, 1998) falassem em TRANSAção no lugar de INTERAção, privilegiando assim a capacidade transacional do ato criativo historicizado.

A capacidade dialógica desenvolvida durante o Laboratório facilitou a passagem, por natureza problemática, do conceito ao projeto, enriquecendo o processo de projeção. Tal capacidade havia sempre como pano de fundo, ou como matéria de diálogo, a compreensão e interpretação da situação real sobre a qual se desejava intervir. Esta “matéria” acabou funcionando ainda como mecanismo de controle tanto das idéias que iam surgindo quanto, e sobretudo, da relação entre tais idéias. Em outras palavras, revelando coerências e pertinências de projeto na medida em que este foi sendo desenvolvido, proporcionando certo rigor na qualidade das hipóteses explicativas abduativas sobre a realidade a intervir.

Assim, o laboratório pode ser também entendido como uma zona de pesquisa viva, cujo indeterminismo inerente vincula a abdução, ou seja, o contato com a realidade que aqui chamamos de situação-contexto-problema, ao entendimento da experiência. Ou seja, olhar para ver, como sugeriu Pierce.



Fig. 2 - Composição de fotos que indica, da esquerda para a direita, a localização, estado de conservação do conjunto e a configuração histórica da paisagem local

2.2 O problema

O risco de se pensar uma metodologia para resolver um problema crônico, como é o caso do acesso sustentável à moradia, aumenta quando esta é confundida com método, ou ainda com uma seqüência de procedimentos que enrijecem e homogeneízam resultados. Porém, neste contexto, quando falamos em metodologia, pensamos em um modo de intervenção extremamente flexível ao ponto de conseguir absorver e responder a diferentes inputs, mas sem pré-determinar o resultado final. Por isto, pensamos em uma proposta de intervenção que leve mais em consideração o bom senso e menos o planejamento tradicional e a visão classe média do problema. A solução que apresentamos não é unívoca, claro, mas tenta pensar o problema da HIS em centros históricos de um modo mais pragmático, sem o compromisso limitador da “inovação pela inovação”. A relação de uso é necessariamente uma relação prática; cultural, mas prática.

Além disto, pretendemos dar uma resposta sobre o tipo e a qualidade das intervenções em centros históricos, nas quais freqüentemente reina a preocupação em se buscar um desenvolvimento exógeno, com políticas públicas voltadas ao turismo ou ao comércio, todas concentradas em aumentar a mais-valia de áreas que há muito tinham enveredado por um franco processo de desvalorização. A nossa proposta, ainda que não deixe de reconhecer as vantagens competitivas que forças exógenas possam trazer para o processo de desenvolvimento local, prefere, entretanto, apostar na instalação de uma força motriz endógena, que possa, de dentro, sugerir como um pequeno, mas efetivo, movimento de transformação. Em efeito, são considerações que emergem quando analisamos algumas intervenções no Centro Histórico de Salvador, a luz dos anos que afastam moradores e acabaram, paradoxalmente, reafirmando a sua condição de espaço segregado e segregador.



Fig. 3 - Composição de fotos que indica, da esquerda para a direita, a localização, estado de conservação do conjunto e a configuração histórica da paisagem local

2.3 Planos epistemológicos

As discussões que subsidiaram a ação de projetar foram construídas a partir de eixos ou planos epistemológicos. A rigor, tais planos foram se evidenciando com o tempo e progressivamente funcionando como norteadores das propostas. Acredita-se que o uso de tal recurso metodológico possa ser em grande parte atribuído à complexidade de um problema real como foi o proposto pelo concurso.

Os planos foram progressivamente configurando-se como arenas paralelas de crítica, na qual teoria, história e política se encontravam no projeto. Por isto, também progressivamente tais planos assumiram a sua condição de lugares: lugar-político, lugar-físico, lugar-paisagem e lugar-social, cuja interação remetia a idéia de palimpsesto. A função da crítica é evidente na explicação que Zein dá sobre a sua tarefa de crítica da arquitetura. Para ela, a crítica:

(...) ajudar a ver, facilitar a compreensão, pôr às claras as atitudes arquitetônicas vigentes e examinar o corolário de suas características e conseqüências, tentando auxiliar outros arquitetos e estudantes de arquitetura a pensar o seu fazer, ajudando a aumentar seu grau de consciência acerca de sua atuação (...).

2.3.1 Lugar-político

Além disto, o Centro Histórico de Salvador tem sido objeto constante de programas e ações dos governos local, estadual e federal, tendo recebido nas últimas décadas grande parte dos investimentos públicos na cidade no que diz respeito às transformações urbanas. Grande parte do centro Histórico, de fato, é tombado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, incluindo a Ladeira do Taboão, área objeto do concurso.

Dentre as inúmeras intervenções, a que mais se destaca é, sem dúvida, aquela do Pelourinho, que atualmente encontra-se na sétima etapa. Todavia, nos últimos anos deu-se início a um outro processo de requalificação, desta vez na área situada ao pé da encosta sobre a qual o Pelourinho se localiza. Trata-se da zona do bairro do Comércio, popularmente conhecido como Cidade Baixa, que se desenrola a partir do Elevador Lacerda em direção à Península de Itapagipe. Esta zona recebeu um plano estratégico de desenvolvimento, chamado *Master Plan* e coordenado pela Prefeitura. O *Master Plan* reforça a mesma linha de valorização do solo urbano que encorajara a criação da Marina e a renovação de algumas outras áreas através da atração de investimentos privados (incentivos fiscais).

A área objeto de projeto, um conjunto de 5 prédios situado na Ladeira do Taboão, encontra-se na linha limite entre os dois planos: Pelourinho e *Master Plan*. Sua condição periférica levou aos moradores remanescentes desta área, um misto de habitação com comércio, a defini-la como uma área “rejeitada” por ambos os planos. De fato, a presença do Estado é pouco evidente na Ladeira do Taboão.



Fig. 4 – Planos de ação sobre o entorno próximo a área em estudo (indicada com um círculo). A poligonal em vermelho demarca a área tombada pela UNESCO, com as suas sucessivas etapas de intervenção. Em azul e fora da poligonal UNESCO, a área objeto do *MASTER PLAN* do Comércio

2.3.1 Lugar físico

O conjunto de prédios selecionados para a Proposta de Intervenção situa-se ao final da Rua Silva Jardim, popularmente conhecida como Ladeira do Taboão. Esta ladeira nasce na parte mais baixa do triangular Largo do Pelourinho, nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e desemboca no bairro do Comércio, vencendo uma diferença de quota de 35 metros. Vale a pena lembrar que a quota média da borda superior da Encosta de Salvador (uma falha geológica que chega ao recôncavo baiano) é 60 metros. Além disto, a Ladeira, cuja declividade média é 40%, segue o desenho das curvas de nível da própria encosta, formando um ângulo obtuso quase ao seu final. Justamente entre as duas arestas deste ângulo encontra-se o conjunto de prédios estudados (identificados como os de números 49, 51, 53, 55, 57A e 57B).



Fig. 5 – Localização do conjunto (em laranja na imagem mais a esquerda) e esquema interpretativo das ligações Pelourinho-Cidade Baixa

Todos os prédios, com exceção do de nº 57B, tem frente para os dois vetores que compõem a mencionada curva, compondo fachadas frontais e posteriores, e encostam sobre muralhas de contenção em pedra a ser mantidas, típicas das realizadas para ligar os dois níveis da encosta ao longo da formação da cidade. A situação particular de possuir duas frentes permite que boa parte das unidades tenham saída direta para a rua, favorecendo os acessos.

Historicamente, a Ladeira do Taboão sempre viabilizou a conexão entre os bairros da Saúde e de Nazaré e a Cidade Baixa. Na época, sobretudo com a construção do Trapiche do Mercado do Ouro em 1874, a área chamada Comércio na Cidade Baixa era aquela que se espremia nas vizinhanças do final da Ladeira do taboão, da Rua Campos Sales, e afins. A Ladeira do Taboão se constituía, assim, como a principal ligação pedonal entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, mas

também entre as duas fortes zonas de comércio: Baixa dos Sapateiros (mercado de miudezas) e o Mercado do Ouro ou os mercados grossistas próximos à zona portuária.

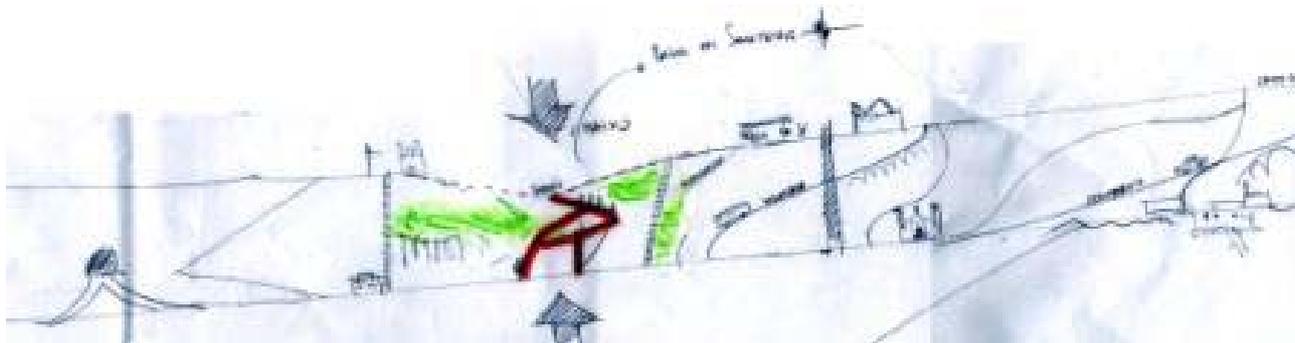


Fig. 6 – Esquema interpretativo sobre o caráter de ligação da área, ressaltando a ladeira do Taboão como principal elo pedonal entre Cidades Alta e Baixa

O forte caráter de “passagem” da área, incentivou um tipo de comércio que perdurou até os nossos dias. De um lado, sacolas, plásticos e forros; do outro, “baixa prostituição”. Waldemar Mattos, historiador baiano, recorda que durante os anos 70 a atividade de prostituição foi se deslocando para a Rua do Julião, zona próxima ao Taboão (mais a esquerda), em função do desenvolvimento comércio. O crescimento ao qual Mattos se referia provavelmente era reflexo do “milagre econômico” do período. Todavia, tal crescimento foi estancado e revertido em decadência na década de 80, conhecida como a “década perdida”.

2.3.2 Lugar paisagem

O conjunto de cinco prédios determinados para a proposta está situado numa zona limite entre o chamado Centro Histórico de Salvador (Cidade Alta) e a zona do Comércio (Cidade Baixa). As duas áreas estão separadas pela linha verde da falha geológica que divide a cidade, com direção NNE-SSE. Trata-se de uma encosta íngreme de terreno natural, pontuada esporadicamente por vias e artefatos de ligação constituídos por equipamentos mecânicos (elevadores, planos inclinados ou ladeiras de declividade pronunciada) que vencem os sessenta metros de desnível.

O famoso frontispício da cidade, de grande valor histórico e paisagístico, caracteriza-se originalmente por duas linhas de ocupação, separadas por uma massa verde. Esta leitura foi comprometida pela conformação do maciço verticalizado e relativamente homogêneo das construções modernas da Cidade Baixa, construídas ao nível do mar. Esta situação vem se agravando com a gradativa ocupação das poucas áreas verdes remanescentes ao longo da falha

geológica, objeto de invasão para moradia popular, o que também degrada este ambiente ecologicamente vulnerável.

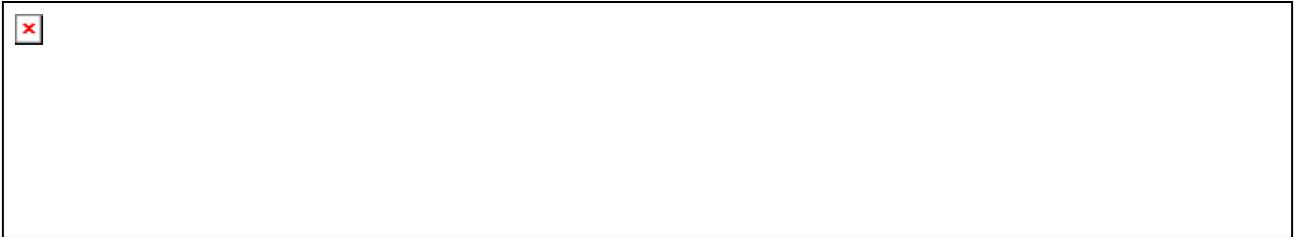


Fig. 7 – Esquema interpretativo das tipologias encontradas na área e no seu entorno

A área selecionada para intervenção no Concurso apresenta configuração morfológica que a caracteriza como pertencente ao conjunto do Centro Histórico, mas está situada sobre a linha da Encosta, que interrompe aqui sua textura vegetal. Poderia, morfológicamente, definir-se como um pequeno enclave a derramar-se do Centro Histórico em direção à Cidade Baixa. Não por acaso, a Ladeira do Taboão dá início ao seu decurso em um dos pontos mais baixos da linha de cumeeira da Encosta (cota 35m), conectando-se também com a Baixa dos Sapateiros, área de comércio popular varejista localizado atrás do Pelourinho, justificando o seu intenso tráfego pedonal.



Fig. 8 – Aquarela interpretativa sobre o estado de conservação dos edifícios do conjunto

Por esta situação particular, a textura própria do Centro Histórico apresenta neste ponto certa heterogeneidade formal, resultado mais do desnível morfológico no qual as edificações se assentam, do que propriamente por uma diversidade formal inerente as expressões formais de cada edifício em separado. Uma heterogeneidade que em grande parte pode ser em parte atribuída a adaptação da volumetria (e do seu peso) à própria tectônica. Esta interpretação é possível apesar do alto grau de degradação em que o conjunto se encontra. Um deles, inclusive, desabou quase que por completo ainda durante os primeiros dias após a publicação do concurso. O péssimo estado de conservação de cada edificação que compõe o conjunto estudado, como demonstra a foto central da figura 1, é sintetizado na figura 6.

Por isto, defendeu-se a importância da manutenção do porte tradicional das edificações, em particular conservando a textura formada pela relação de cheios e vazios dos paramentos de fachada. Em linhas gerais, os telhados permanecem ocultos atrás das platibandas, nos ângulos visuais ao nível do solo e para observadores situados nas proximidades. Na visão de longe, desde o Comércio ou desde a Baía de Todos os Santos, apenas alguma fresta entre as edificações altas e densas da Cidade Baixa permite observar suas características de prolongação do tecido típico do Centro Histórico. Pela distância desta observação, o resgate histórico operaria na manutenção da unidade-diversidade do pequeno conjunto, respeitando a volumetria e as características da textura edilícia.

Situação atual	  Vazio • Ruína interna com preservação dos quatro paramentos exteriores	 Vazio • Ruína interna com preservação dos quatro paramentos exteriores	  Vazio • Ruína total Desabamento recente (era já condenado pela defesa Civil)	  Superpopulado (maioria mulheres e crianças) • Estado avançado de degradação, estrutura comprometida, condenado pela Defesa Civil • Inadequação morfológica Inadequação paisagística	  Parcialmente ocupado • Estado processo inicial de degradação
					
	Consolidação da casca e novo projeto para o miolo	Releitura contemporânea da expressão original da fachada Interior segundo tipologia proposta	Demolição e reprojeção, respeitando os parâmetros paisagísticos	Consolidação e adequação das condições de habitabilidade	
Proposta	Novo projeto para o miolo			Preservação do interior com remanejamento funcional	

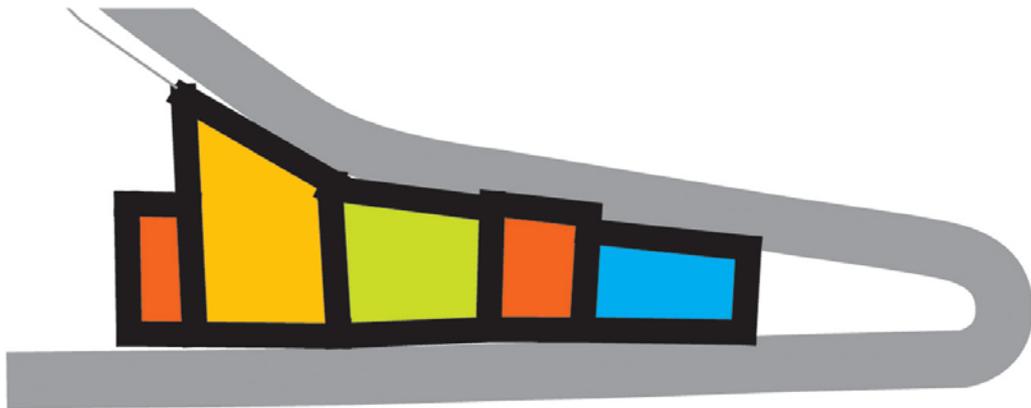


Fig. 9 – Esquema interpretativo sobre o estado de conservação dos edifícios do conjunto

2.3.3 Lugar social

A Ladeira do Taboão constitui-se como uma das poucas alternativas habitacionais semi-formais para a população de baixíssima renda ainda presente no coração do centro histórico (as famílias que residiam no Pelourinho preferiram a indenização ao reassentamento em periferia e acabaram ocupando abusivamente as áreas contíguas ao centro, invadindo inclusive as áreas de encosta).

Verifica-se ainda a presença difusa de cortiços, inclusive, como registra o IBGE, com casos em que 8 mulheres formam núcleos familiares distintos e compartilham a mesma unidade habitacional. Tais núcleos caracterizam-se por um alto número de crianças pequenas. Como não há alternativa de espaços comunitários, elas são mandadas ao Pelourinho para “trazer uns trocados para casa”. É nesta perversa dinâmica que muitas delas têm o primeiro contato com drogas e pequenos roubos e acabam juntando-se a grupo de menores de rua. A falta de alternativas para as mães educarem seus filhos aparece como preponderante no futuro destas crianças.

É sempre útil lembrar que a dimensão do déficit habitacional brasileiro deu origem a uma profícua variedade de pesquisas, algumas das quais passaram introduzir dimensões qualitativas nas suas abordagens. É este o caso da Fundação João Pinheiro – FJP que diferencia o “déficit habitativo” da “inadequação habitacional”, requalificando e redimensionando o problema habitacional no País. Segundo tais pesquisas (2004), o déficit quantitativo brasileiro aproxima-se de 5,5 milhões de habitações; cifra que cruza dados de ilegalidade fundiária (2,2 milhões), inadequação de moradores por cômodo (2,8 milhões), falta de serviços higiênicos (3,2 milhões), falta de ligação às redes de água e esgoto (2,3), e carência de infra-estrutura básica (12 milhões). De forma similar, o Banco Mundial quantifica em 5,5 milhões o déficit habitacional no Brasil, enquanto o Ministério das Cidades, generalizando a informalidade, chegou a estimar em 12 milhões o número de famílias vivendo em condições de informalidade habitacional e/ou fundiária.

A área se encontra no subdistrito do Passo, setor 3, que segundo a pesquisa domiciliar do Ibge, possui 233 domicílios (14% são casas, 62% apartamentos e 22% cômodos, 2% coletivos), dos quais 98% são particulares, onde vivem 826 pessoas (somente 1 pessoa se enquadra na categoria “improvisado”, e 7 em 1 “domicílio coletivo”). Do total, 228 são permanentes – um percentual alto mas condizente com toda a área do Centro Histórico. Quanto aos domicílios coletivos, o percentual aumenta muito quando descemos toda a Ladeira do Taboão e chega-se ao setor 2 do Pilar (12%, 71 pessoas, com 0% de domicílio coletivo).

Do total dos domicílios presentes naquele setor, a maior parte é alugada (56%), a menor é declarada como própria (12%) e um percentual considerável vem a ser vagamente enquadrado como “outras”. No que concerne a infra-estrutura e aos serviços urbanos, a leitura do IBGE é que a maior parte é bem servida (em torno de 80%, em relação às médias da cidade), pois 80% dispõe de água canalizada, 87% possui esgotamento canalizado, 92% com coleta de lixo (mais um motivo para não se perder a habitação nestas áreas centrais).

A caracterização das unidades habitacionais mostra que a superlotação é um fator a ser aprofundado pois não sabemos ainda a dimensão média das unidades: ¼ delas abriga mais de 5 pessoas e 8% mais do que 8 pessoas. Porém, um dado a ser levado em consideração é que um

alto percentual dos domicílios é declarada como habitada/ocupada por 1 (22%) ou 2 (18%) moradores. No quesito higiene os dados também são alarmantes: em cerca de ¼ delas não há banheiro.

Quanto ao gênero (50% homens e 50% mulheres), uma informação salta aos olhos: em cerca de 33% dos domicílios (76), homens e mulheres não dividem uma mesma unidade; 14% delas são ocupadas só por mulheres e 19% só por homens. Esta informação contrasta com o baixo percentual de moradores que declaram viver em domicílios coletivos (2%). Somente em uma habitação 8 mulheres vivem juntas (de um total de 7) e em uma outra 10 ou mais vivem juntas (de um total de 8). Ainda sobre o equilíbrio de gênero, uma parte considerável da população masculina e feminina vive em domicílios coletivos (51% e 50% respectivamente).

No nosso Setor de análise, 28% das pessoas pesquisadas se declararam responsáveis pelo domicílio (230, das quais 125 homens e 105 mulheres). Das declarações (não comprovadas), é possível imaginar que a composição familiar tradicional ainda predomina: dos 230 declarantes, 40% têm cônjuges; com 295 filhos no total (36% da população), muitos parentes próximos dividindo o domicílio (19% do total) e poucos agregados ou pensionistas declarados (4%). Dos 7 setores analisados, somente no Sé 2 e no Passo 2 o número de mulheres responsáveis supera o de homens. Sobre a faixa etária, 25% são menores de 14 anos e menos de 5% são maiores de 65 anos. A maior concentração (32%) encontra-se entre 25 e 45 anos.

2.4 O projeto

Os cinco prédios do conjunto apresentam duas fachadas bem diferenciadas. O lado do mar (parte inferior da ladeira) mostra edificações que variam entre quatro e seis andares, de proporções de fachada 1x1 ou 1x1,5 ou 2. As fachadas posteriores, pouco sobressaem do conjunto de casas baixas, de proporção 2x1 ou 2x2 predominantes nesse trecho. Ladeira acima, os prédios do Tabão aumentam seu porte na medida em que atingem as cotas mais altas. Nos prédios em estudo ambas vertentes fingem verticalidade pela decoração dos elementos de fachada, característicos do estilo Art Dèco. Já os materiais e acabamentos utilizados não outorgam importância particular às edificações.

Do ponto de vista do estado das edificações em estudo, existe uma diversidade de situações, variando de ruína total (nº 57-A), ruína quase total com preservação das paredes limites (nº 57-B); ruína com preservação das fachadas e paramento lateral esquerdo (nos 53 e 49); prédio ainda inteiro, mas em situação imprópria ao uso (ocupado) e prédio moderno, vazio, inadequado morfologicamente ao sítio e condenado pelas autoridades municipais (nº 55) e que deverá ser demolido para receber projeto novo e adequado ao programa proposto. Pelo estado e tipo de

cada edificação, então, nos encontramos frente a um leque modelar de situações próprias do Centro Histórico, que demandam ações diferenciadas.



Fig. 10 – Conceito do projeto de intervenção

2.4.1 A lógica da intervenção

A proposta da intervenção baseia-se no uso de um sistema de pórticos com dupla função estrutural e arquitetônica. Os pórticos buscam recompor a morfologia do conjunto, perdida com o avanço da degradação ambiental-paisagística da área.



Fig. 11 – Fotos da maquete

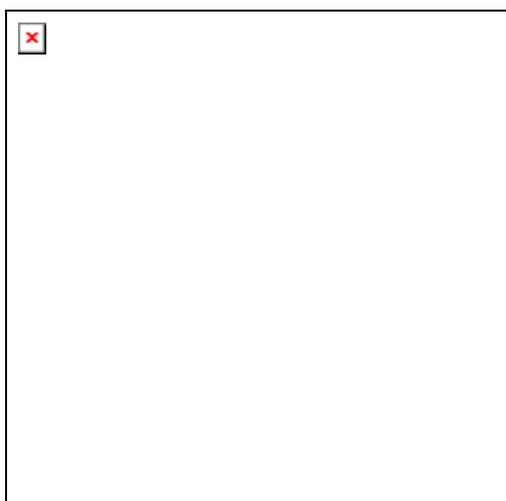


Fig. 12 – Proposta do sistema de pórticos e a sua articulação com os edifícios do conjunto cujo estado de conservação é ruína total

Os prédios objeto da proposta compõem um conjunto heterogêneo, pela sua configuração física e funcional, fator determinante da variabilidade de opções de projeto e de financiamento selecionados. O perfil sócio-econômico da área do Pilar, onde estão situados, determinou também variáveis para o uso de Habitação de Interesse Social –HIS- determinado pelo Edital do Concurso, sem modificar a destinação habitacional, presente em todas as unidades propostas.

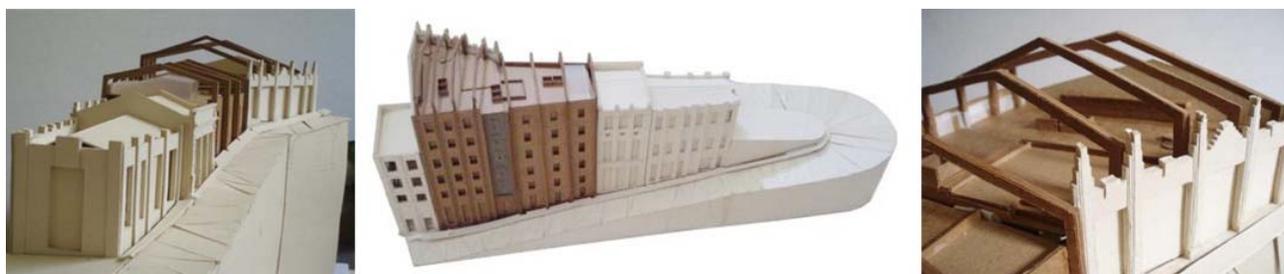


Fig. 13 – Mais fotos da maquete

A - Habitação de interesse social: especificidades da proposta.

A função habitacional de interesse social foi entendida de maneira ampla, o que levou a considerar não somente a presença expressiva no bairro de população de faixas de renda baixa ou muito baixa, mas também o contexto sócio-econômico nas suas especificidades já descritas. Como afirmado acima, existe na área um alto percentual de mulheres chefes de família, que trabalham e sustentam seus filhos. A proposta, conseqüentemente, destina prioritariamente a área disponível a um centro de apoio à mãe solteira, mantendo o uso habitacional como eixo da

proposta, e oferecendo o apoio necessário para que as mães possam trabalhar deixando seus filhos em segurança. A proximidade com áreas de comércio e serviços, a montante e a jusante da ladeira, oferece oportunidades a atividades de baixa remuneração e justifica a oferta do uso habitacional pretendido.

B - Função mista e usos

Determinado pelo estudo do perfil sócio-econômico da população da área, é proposto um "Centro Residencial de Apoio à Mãe Solteira" onde se pretende prioritariamente atender um contingente de mulheres chefes de família, grávidas ou mães solteiras, que exercem atividades remuneradas na área, priorizando as mais jovens e, dentre estas, as menores de idade. Em segundo lugar, nos prédios ainda ocupados, propõe-se a manutenção de unidades habitacionais convencionais, adaptadas a condições de estabilidade estrutural e habitabilidade satisfatórias. Finalmente, em algumas unidades ao nível da rua propõe-se a manutenção da função existente (de comércio ou serviço), remanejando-as para uso misto, habitacional e terciário.

Outra característica do lugar resulta da sua situação de limite e conexão entre o Centro Histórico e o chamado bairro do Comércio (ou Cidade Baixa). A ladeira, fazendo conexão entre os dois níveis da cidade, mantém um notável fluxo de pedestres, além de circulação de veículos automotores. Esta situação explica a persistência do uso comercial e de serviços artesanais ao nível da rua nos prédios ainda ocupados do conjunto, justificando sua manutenção. As unidades térreas terão assim uso comercial ou de serviço com habitação anexa. Para elas propõe-se plano de financiamento específico, que considere o nível de renda dos seus usuários, relativamente superior à média vigente nas de uso habitacional.

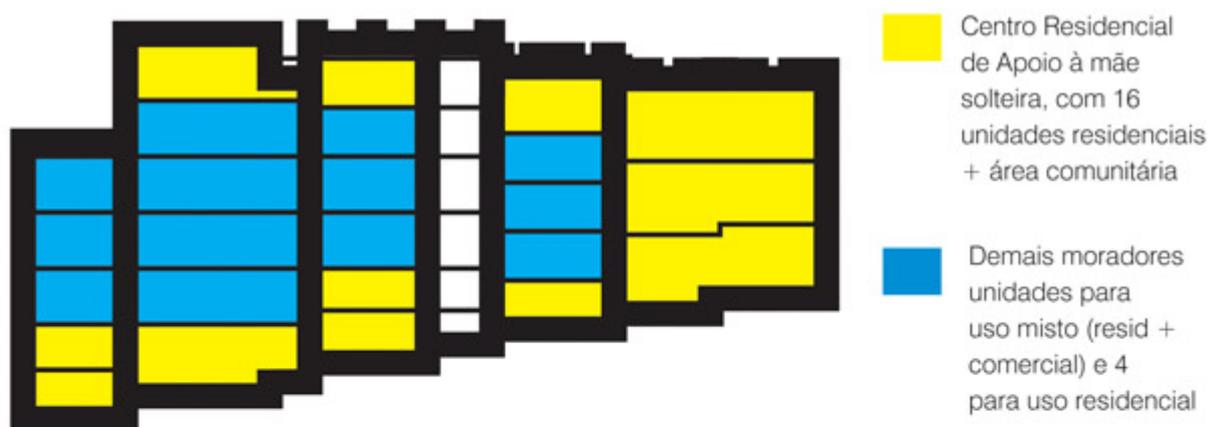
Todavia, nos prédios ocupados e em estado recuperável, propõe-se a manutenção da função habitacional existente, já caracterizada como de baixa-renda. Deverão ser garantidos a estabilidade estrutural, dentro do sistema construtivo proposto, e o remanejamento dos apartamentos, para atingir padrões de habitabilidade satisfatórios dentro dos limites de área por unidade, dentro das possibilidades.

Além disso, são consideráveis os ganhos obtidos pela adoção dos partidos propostos: de manutenção do valor histórico do Centro Histórico, com rebatimento positivo para a indústria do turismo; de manutenção do uso habitacional, necessário e recomendado para manter a vitalidade da zona; de oferta de mão de obra não especializada, a ser absorvida pelo mercado, que será ampliado pelas obras já em andamento de melhoria da acessibilidade, recuperação para uso terciário das instalações portuárias, via náutica, etc.

As unidades isoladas serão monitoradas pelos programas de apoio às HIS, que assume durante 12 anos o acompanhamento do uso e situação dos imóveis. Quanto ao Centro de Apoio à Mão

Solteira, além deste acompanhamento, poderá contar-se com entidades especializadas ou ONGs, que deverão realizar tarefas de apoio às atividades do centro, que será equipado com creche e berçário (para permanência das crianças durante a ausência das mães), sala multi-uso para vacinação, visitas médicas e reuniões condominiais. Complementarmente, pode pensar-se em cursos curtos relativos a cuidados pré-natais e pós parto, preparação de alimentos, aleitamento e atenção a recém nascidos, enfermagem, monitoras para creches e berçários. Algumas mães deverão trabalhar nestas atividades, no cuidado diurno e eventualmente noturno das crianças, como ocorre em boa parte dos bairros pobres da cidade.

Subdivisão por comunidade de uso



Subdivisão por modalidade de financiamento

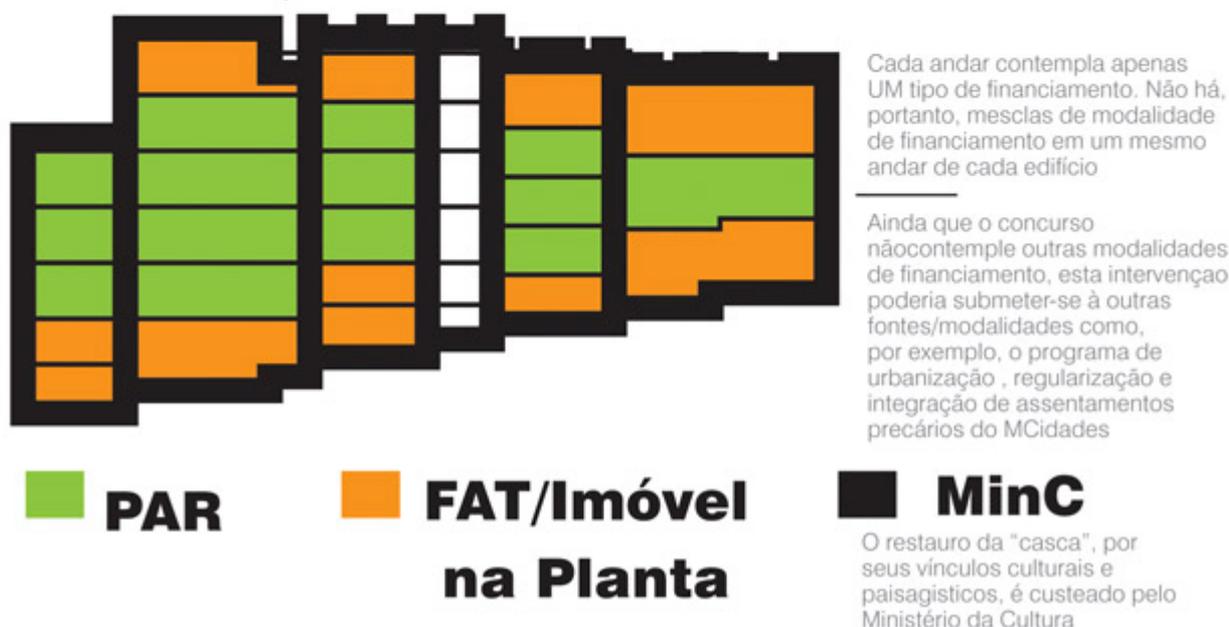


Fig. 14 – Esquema de subdivisão dos imóveis quanto ao uso e as modalidades de financiamento

C - Volumetria e características tipológicas propostas

Os dois planos criados: um primeiro que se refere à memória fresca da ruína recente e que se antecipa volumetricamente ao Pórtico. Um segundo, interpretado como uma pré-existência não adequada do ponto de vista morfológico é substituído por uma nova expressividade. Ambos as edificações encontravam-se em ruína total.

A opção projetual propõe a manutenção da volumetria original dos prédios antigos, da relação de cheios e vazios das fachadas e o predomínio das marcações verticais, assim como a relativa continuidade dos elementos horizontais (variáveis pela declividade da rua). Esta opção explica-se pela pertinência de manutenção da unidade morfológica do frontispício. Entretanto, a linguagem utilizada nos prédios a construir deve expressar a contemporaneidade da intervenção, visível em cada opção projetual, (materiais, técnicas construtivas, solução estrutural).

No conjunto destinado ao Centro de Apoio à Mãe Solteira, cobertura e telhado, sem ferir a morfologia acima definida, são projetados de modo a configurar uma praça-solário, oferecendo área de lazer e lugar de socialização para as crianças e de convivência ou reuniões das moradoras. São previstos equipamentos coletivos para secagem de roupa e guarda de brinquedos ou objetos de maior porte. O trato arquitetônico adotado fornecerá áreas sombreadas e áreas ensolaradas, alternando coberturas e terraços mantendo, em linguagem contemporânea, a textura e o colorido próprios dos telhados do Centro Histórico.

O projeto das unidades habitacionais do Centro, entretanto, será formado também por apartamentos convencionais, dentro da linha de financiamento previsto, de modo a adaptar-se facilmente a mudanças futuras do perfil dos moradores, se necessário.

D - Solução estrutural.

A opção construtiva resultou de um aparente paradoxo: escolher material estrutural de preço unitário mais elevado que o da construção convencional (pilar e vigas em aço galvanizado, em vez de concreto armado). Ambas opções e suas variáveis foram demoradamente analisadas, levando em consideração o binômio custo primário x tempo de execução. Perante o fato conhecido de que a construção convencional, principalmente em áreas de valor histórico, costuma ter seus prazos dilatados, fato que redundava em acréscimo de custos e riscos de paralisação das obras, fez-se a opção de trabalhar com estruturas metálicas. Optou-se por lajes em vigotas pré-moldadas de concreto com vãos preenchidos por isopor de alta densidade, solução que garante excelente isolamento térmico e acústico. Já para as paredes, se mantém o uso tradicional de alvenarias de tijolo, para garantir a flexibilidade e adaptabilidade necessária nas instalações elétricas e na

possibilidade de reformas e adaptações futuras. Assim, sem afastar-se de técnicas construtivas conhecidas, o sistema proposto permite maior rigor no planejamento das obras e redução do tempo de construção, resultando em custos finais próximos ou iguais aos da construção convencional. Ainda são fatores positivos: menor peso próprio da edificação, bom isolamento térmico e acústico e flexibilidade para as instalações hidráulico-sanitárias.

3. Algumas conclusões

A intenção desta experiência não foi subsidiar uma pesquisa comparativa entre *processos de projeção sobre bases convencionalmente* utilizadas em escolas de arquitetura do País, que podemos caracterizar como projeto sobre insumos, e *processos de projeção sobre bases não convencionais*, como foi o caso deste laboratório. O objetivo foi antes de mais descobrir e discutir novas fronteiras na relação projeto–aprendizagem no ensino de arquitetura, buscando metodologias complementares que reforcem a relação da arquitetura com o seu contexto social. Tal relação tem se mostrado frágil e pouco explorada nas últimas décadas, sobretudo quando as escolas de arquitetura passaram a fomentar um maior e mais freqüente “diálogo” com o mercado imobiliário.

A dificuldade dos alunos em alcançar um nível desejado de desenvolvimento projetual pode ser em grande atribuída a concentração dos esforços cognitivos na primeira fase de fantasia de projeto, que quase sempre acaba se estendendo por quase todo o curso. Esta dificuldade de avançar foi o grande desafio do Laboratório que concentrou os seus esforços justamente na “materialidade” da idéia. Esta experiência revelou que o contato com situações-problema que só podem ser mudadas pela ação projetual, e nunca pela mudança nas regras do jogo, enriquecem e aceleram a maturidade dos alunos. Para eles, o choque com a realidade foi vantajoso tanto do ponto de vista da compreensão do projeto como da exploração dos seus potenciais. Além do mais, uma evidente característica desta experiência foi o confronto com a diversidade da situação-problema, e não só com a sua complexidade. O abrangente leque de informação a serem interpretadas e manipuladas suscitou a necessidade de sistematização dos dados e sobretudo da sua hierarquização

Alem disto, compreender projetualmente realidades superpostas, que não podem ser dissociadas, levou o grupo a utilizar a historia como ferramenta de desejo e de possível transformação da própria cidade. Tal discussão contou com o aporte teórico do conceito de “palimpsesto a ser descoberto”, recordando o que Naselli defendia sobre a forma urbana. Para esta experiência, tal descoberta “formou” contexto de projeto.

Para concluir, a situação real trouxe consigo o “elemento surpresa”, o acaso, para dentro do processo de projeto. Tal riqueza dificilmente poderia estar contida em uma situação-problema artificialmente projetada. Como um dos alunos notou, tais surpresas muitas vezes se transformaram em “matéria” de projeto (ou do tal do partido arquitetônico).

3.1 A experiência pedagógica pelos olhos dos alunos

A oportunidade de trabalhar no Concurso da Caixa foi descrita como extremamente enriquecedora pela aproximação com um problema real, cuja natureza é muito mais complexa do que uma situação-problema construída pelo professor. A necessidade de conhecer e de interpretar tal realidade foi descrita como difícil, mas, ao mesmo tempo, foi vivida como matéria de inspiração projetual. A passagem da fantasia à criação e deste ao projeto final levou os alunos a perceberem que cada um deles estava ao seu modo desenvolvendo uma própria forma de trabalhar. Este diálogo típico da aprendizagem tácita foi aos poucos sendo percebido por eles mesmo, que aprendiam com seus colegas, fossem eles professores ou aluno.

Ainda segundo eles, o *enfrentamento de um problema real* fez com que os alunos lidassem com o ato de projetar de maneira completamente diferente do que haviam experimentado antes. As condições, antes hipotéticas, exigiam fundamentalmente aprimoramentos formais, de inserção urbanística local e topográfica coerentes, além de razoáveis noções construtivas e distribuição espacial. A realidade simulada passava a ser também objeto de projeto, facilitando o processo criativo.

Diferente, portanto, da prática de aprendizagem que todo o grupo estava acostumado, o ato de projetar passou a ser visto como projet-ação, no sentido que projetar é agir socialmente pois a compreensão é um processo social. Nesta perspectiva, a ação foi redimensionada e as questões sociais, paisagísticas, construtivas, econômicas, históricas e urbanísticas transformaram-se em ferramentas de projeto. Graças também a estas novas exigências foi necessária a introdução de um rigor metodológico, capaz de sistematizar novas ferramentas e introduzi-las durante o exercício de forma eficiente. A coleta de dados, os contatos com órgãos e instituições municipais, a necessidade de conhecer leis e regulamentos urbanísticos locais possibilitou uma maturidade muito maior no enfrentamento do projeto e ao mesmo tempo exigiu a agilidade em manuseá-los.

Bibliografia:

ARGAN, Giulio Carlo. Projeto e destino. São Paulo: Atica. 2000

ARANTES, A. A. Otilia. O espaço da diferença. Campinas: Papirus. 2000.

AZEVEDO, Esterzilda B. de, Ed. Requalificação Urbana e Cultura da Cidade. Salvador: FAUFBA - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 227p. ed. 2003.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes. 1993 (1957).

BENJAMIN, Walter, Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie. Escritos Escolhidos. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo. 1986. 204 p.

_____. "Teses" Sobre o Conceito da História. J. Quetglas. Barcelona 1991.

BECKER, F. O que é construtivismo? Série idéias: 087-093 p. 1994.

BERGER, John. Modos de ver. Lisboa: Edições 70, Lda. 1972.

BONDUKI, Nabil. (Ed.). Habitat. As práticas bem-sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras. São Paulo: Studio Nobel, 1996

BOSHI, R. R., Ed. Violência e cidade. "Debates Urbanos". Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.98, "Debates Urbanos"ed. 1982.

BRASILEIRO, A. M. "Políticas sociais para áreas urbanas: possibilidades". In: E. Diniz (Ed.). Políticas públicas para áreas urbanas: dilemas e alternativas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v.4, 1982, p.43-66. ("Debates Urbanos")

BULGUERONI, Raul. Ciudadanía. Dimensión humana en los asentamientos urbanos. México: Editorial Diana. 1985.

CAMPOS VENUTI, G. "La periferia interna". In: A. Clementi e F. Perego (Ed.). Eupolis. La riqualificazione delle città in Europa. Periferie oggi. Roma-Bari: Gius, Laterza & Figli, v.I., 1990, p.337-358. (Biblioteca di Cultura Moderna)

CERASI, Maurice. EL Espacio Colectivo de la Ciudad. Construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna. Barcelona: oikos-tau, s. a. 1990.

CERVELLATI, P. L. e MILIARI, M. I Centri Storici. Firenze: Guarnaldi Editore. 1977. 119 p. (Le Guide Guarnaldi - Guide bibliografiche su temi e problemi di cultura contemporane)

_____. e R. Scannavini. Bolonia. Política y metodología de la restauración de Centros Historicos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 1976. 124 p. (Materiales de la Ciudad)

COMAS, Carlos Eduardo D., Ideologia modernista e ensino de arquitetura: duas propostas em conflito. In: Faufrgs (Ed.). 1º Encontro nacional sobre ensino de projeto arquitetônico- vol. I. Porto Alegre, v.III, 1985.

CONZEN, M. R. G. "Geography and townscape conservation". In: J. W. R. Whitehand (Ed.). The Urban Landscape: historical development and management. Papers by R. G. Conzen. London: Academic Press, 1981. (institute of British Geographers, Special Publication, Nº 13)

CORDIVIOLA, Alberto Rafael. Notas sobre o saber projetar. vitruvius (abilioquerra@vitruvius.com.br). 2001.

CORONA MARTINEZ, A. Ensaio sobre o projeto. Brasília. 2000. 198 p.

Da COSTA, A. D. L. R. Ekabó! Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia - Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1989.

DAMATTA, Roberto. A Casa & a Rua. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A. 1991.

DE ABREU FILHO, S. B. Casa e cidade: o projeto de habitação coletiva e a construção da cidade brasileira. In: Faufrgs (Ed.). 1º Encontro nacional sobre ensino de projeto arquitetônico- vol. I. Porto Alegre, v.III, 1985.

DEBORD, Guy. La Sociedad del Espectáculo y otros escritos situacionistas. Buenos Aires: Ediciones de la Flor. 1974

DEMATTEIS, G. Dai cerchi concentrici al labirinto. In: A. Clementi e F. Perego (Ed.). Eupolis. La riqualificazione delle città in Europa. Periferie oggi. Roma-Bari: Gius, Laterza & Figli, v.I., 1990, p.127-136. (Biblioteca di Cultura Moderna)

Doberti, Roberto. De la extraordinaria importancia y múltiple naturaleza del proyecto. Córdoba, Argentina: MW. Marina Waisman. agosto de 2001.

ENGELS, Friedrich. El problema de la vivienda y las grandes ciudades. Barcelona: Gustavo Gili. 1974. 129 p. (Colección Ciencia Urbanística)

FERRARA, Lucrécia de A. Imagem da Cidade e Representação Urbana. in Sinopses. São Paulo. 16: 21/29 p. 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

GEERTZ, C. Géneros Confusos. La refiguración del pensamiento social. In: C. y. O. Geertz (Ed.). El surgimiento de la antropología posmoderna. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 1992.

GOFMANN, Edwin. Estigma. La identidad deteriorada. Buenos Aires: Amorrortu editores S. A. 1989.

GORIO, F. "Crítica dell'idea di 'centro storico'". in Rassegna di Architettura e Urbanistica. Roma. Anno XVI: 55-70. p. 1980.

- GOMBRICH, Ernst. *¿Por que conservar los edificios historicos?* in Composición Arquitectónica. Bilbao: 116-138 p. 1989.
- GREGOTTI, Vittorio. *Dentro l'Arquitttura*. Torino: Bollati Boringhieri. 1991.
- HARDOY, Jorge. "A cidade latino-americana: a vigência dos centros históricos". in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 129-133 p. 1986.
- HARVEY, David. *Urbanismo y desigualdad social*. Madrid: Siglo XXI. 1989.
- HIGUCHI, Tadahiko. *The visual and spacial structure of landscapes*. Cambridge Mass.: The MIT Press. 1983
- JACOBS, Jane. *The Death and Life or Great American Cities*. New York: Random House - Vintage Books. 1961. 458 p.
- KAHN, Louis. Estrutura e Forma. In: F. D. Cultura (Ed.). *Panorama da Arquitetura*. Rio de janeiro, 1964, p.64-75
- LE GOFF, Jacques, J. Por amor às cidades. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1997. 145 p.
- LIPIETZ, Alan. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo: Nobel. 1988. 210 p.
- LYNCH, Kevin. *City Sense and City Design. Writings and Projects of Kevin Lynch*. Cambridge, Massachusetts/London, England: The MIT Press. 1990. 853 p.
- MAHFUZ, Edson. D. C. *Ensaio sobre a razão compositiva*. Viçosa: UFV/AP. 1995.
- MARICATO, Emilia. Reforma urbana: limites e possibilidades uma trajetória incompleta. In: L. C. Queiroz Ribeiro e O. A. Dos Santos Junior (Ed.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1994, p.309-326
- MARX, Murilo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Edições Melhoramentos, EDUSP. 1980.
- MATTOSO, Kátia M. de Q. *Bahia, Século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro. 1992.
- MOTTA PEÇANHA, J. A. Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.149 a 166
- NASCIMENTO, Ana A. V. *Dez freguesias da cidade do Salvador. Aspectos sociais e urbanos do século XIX*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1986.
- NASSELI, César. *De ciudades, formas y paisajes*. Asunción: Arquna. Facultad de Arquitectura de la Universidad Nacional del Paraguay. 1992.
- _____. Las nociones de proceso y método como instrumentos para el diseño. in MW Revista del Instituto Marina Waisman. Córdoba, Argentina: MW Noemí Goytia de Moisset (org). 4: pp 139 a 143. 2001.

NORBERG SCHULTZ, C. *Genius Loci. Paessagio Ambiente Architettura*. Milano: Gruppo Editoriale Electa. 1986

OLIVEIRA, Olívia. F. de. Sutis substâncias da arquitetura de Lina Bo Bardi. Tese Doutoral. Departamento de Composição Arquitetônica, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2000.

OLMOS, Susana A. Maneras de abordar la actividad proyectiva en talleres de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Federal de Bahia, Brasil. In: I. P. D. E. E. U. C. D. Córdoba (Ed.). *Hipotesis de Paisaje 2. Actas*. Córdoba: Inés Moisset / Omar Paris, org., 2003. pp 54 a 71.

_____, Ética e Estética do Ensino do Projeto. Práticas atuais na FAUFBA. (tese doutoral). FAUFBA, Departamento II, do Ensino de Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo. Salvador, 2004. 365 p.

OROZCO-VACCA, Edgard. *El pensamiento constructivo*. Córdoba: Eudecor. 1996. 187 p.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.167 a182

PANERAI, Phillipe., J. C. DEPAULE, et al. *Elements d'analyse urbaine*. Bruxelles: Editions Archives d'Architecture Moderne. 1980. 195 p.

PEREIRA, Manoel. *Arquitetura e os caminhos de sua explicação*. São Paulo: Projeto Editores Associados. 1984. 221 p.

PIAGET, Jean. S. E. A. *A Autonomia como finalidade da educação: implicações da teoria de Piaget*. Carolina do Norte, Winston-Salem 1981.

PICCINATO, G. El Problema del Centro Historico. In: F. Ciardini e P. Falini, Los Centros Históricos. Política Urbanística y Programas de Actuación. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

QUETGLAS, Josep. Pasado a limpio, II. Girona: editorial Pre-textos. 1999.

RAPOPORT, Amos. *Aspectos humanos de la Forma Urbana*. Barcelona: Gustavo Gili. 1978. 381 p.

RYKWERT, Joseph. *La idea de ciudad. Antropología de la forma urbana en el mundo antiguo*. Madrid: Hermann Blume ediciones. 1985

SALVADOR, P.M.S. Encostas, vol. I, II e III. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, Grupo de Estudos Sociais. 1981.

SANTOS, Milton. *O centro da cidade do Salvador. Estudo de geografia urbana*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia. 1959. 200 p.

_____. "Uma definição da cidade do Salvador". In: V.V.A.A. (Ed.). Cidade do Salvador. Aspectos geográficos, históricos, sociais e antropológicos. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. p.124-128

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel. 1987. 142 p.

_____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec. 1994'. 124 p.

SANTOS NETO, Isaías de C. Dialética e aprendizagem. in *RTE-Revista de Tecnologia Empresarial*: FTE, Faculdade de Tecnologia Empresarial, Salvador. Ano II, vol, I: 21 a32 p. 2003.

SILVA, A. *A Cidade do Salvador (aspectos seculares)*. Salvador: Livraria Progresso Editora. 1957. 228 p.

SILVA, P. R. G. D. Qualidade de Vida no Meio Urbano: Aspectos Conceituais e Metodológicos numa Aproximação da Problemática Ambiental na Gestão Local, in: T. Fischer (Ed.). Gestão Contemporânea: Cidades estratégicas e organizações locais. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996, p.197-207.

SKLOVSKI, Vitor. L'arte come procedimento. in: Tsvetan Todorov (Ed.). I formalisti Russi. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1968, p.73-94

SMITHSON, Allyson e Peter. *Cambiando el arte de habitar*. Barcelona: Gustavo Gili. 2001. 156 p.

TAFURI, Manfredo. Il problema dei centri storici all'interno della nuova dimensione cittadina. in: V.V.A.A. (Ed.). *La Città Territorio - Problema della nuova dimensioni. Un esperimento didattico sul centro direzionale de Centocelle in Roma.*, Bari: Leonardo da Vinci Editrice, 1964.

_____. Para una crítica de la ideología arquitectónica. In: M. Tafuri, M. Cacciari, et al (Ed.). De la vanguardia a la metropoli. Crítica radical a la arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1972, p.13-78. (Colección Architecture y Crítica)

TAVARES, Domingos. *Miguel Ângelo: A Aprendizagem da Arquitectura*. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2002. 115 p. (Seis Lições)

TAVARES, Luis Henrique D. *História da Bahia*. São Paulo: Editora Atica. 1987. 206 p.

TEIXEIRA, Cid. *Bahia em tempo de provincia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1986. 210 p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL. 1983

VIGOTSKI, L. S. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica. 1979.

VILANOVA ARTIGAS. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e Fundação Vilanova Artigas. 1997

WAISMAN Marina(org). *El patrimonio modesto*. Buenos Aires. 1996.

_____. *La estructura histórica del entorno*. Buenos Aires: Nueva Visión. 1985.

YAMAMOTO, R. Use your hands. In: P. Zero (Ed.), 2002, p.23

ZEIN, Ruth Verde. A crítica da arquitetura e suas implicações no ensino da teoria e na prática de projeto. in: J. N. Bestetti (Ed.). *Crítica na Arquitetura*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.